

## UM "SONETO" DE CASIMIRO

*Sânzio de Azevedo*

Quem folhear a coletânea *Sonetos Brasileiros*, organizada por Laudelino Freire no início do século, vai encontrar cada poeta representado por um soneto apenas, como aliás ocorre com inúmeras outras antologias, antigas e modernas.

Tratando-se de coletânea que se restringe apenas à composição poética de 14 versos, com dois quartetos e dois tercetos, era natural que lá não figurasse Casimiro de Abreu, poeta que, segundo nos consta, jamais rendeu culto ao poema que imortalizou Félix Arvers.

Não obstante, o cantor de *As Primaveras* está incluído na antologia citada, com êste «Ontem à Noite»:

*Ontem — sòzinhos — eu e tu, sentados,  
Nós contemplamos, quando a noite veio:  
Queixosa e mansa a viração dos prados  
Beijava o rosto e te afagava o seio,*

*Que palpitava como — ao longe — o mar,  
E lá no céu êsses rubins pregados  
Brilhavam menos, que teu vivo olhar!  
Co'a mão nas minhas, no silêncio augusto,*

*Tu me falavas, sem mentido susto,  
E nunca a virgem, que a paixão revela,  
Passou-me em sonhos tão formosa assim!*

*Vendo a noite tão pura, e a ti tão bela,  
Eu disse aos astros: — dai o céu a ela!  
Disse a teus olhos: — dai amor p'ra mim (1)*

1) Laudelino Freire. *Sonetos Brasileiros*. Rio de Janeiro, F. Briguet & Cia., s/d, p. 60.

Cassiano Ricardo, num livro em que justifica a concessão de prêmio de poesia a Cecília Meireles, pela Academia Brasileira de Letras, em 1938, afirma em certo trecho, combatendo o «sonetocccus brasiliense» ou seja, aquilo que na Alemanha Goethe chamou de «fúria sonetífera»: Schiller nunca quis saber de sonetos, tal como o nosso Gonçalves Dias». (2)

Afirmção que se repete um pouco adiante, desta vez com a presença de dúvida, não porém quanto ao facto de o poeta maranhense haver feito ou não sonetos, mas quanto a haver sido o único a deixar de fazê-los: «Parece que só houve um que não perpetrou a «flor medieval»: foi Gonçalves Dias. Quero dizer: o único intelectual brasileiro que não escreveu sonetos foi... um poeta». (3).

Engano de mestre Cassiano. Basta que se lembre aquêl soneto de Gonçalves Dias, composto no Rio de Janeiro e datado de 17 de junho de 1847:

*Baixel veloz, que ao úmido elemento  
A voz do nauta experto afoito entrega,  
Demora o curso teu, perto navega  
Da terra onde me fica o pensamento!*

*Enquanto vais cortando o salso argento,  
Desta praia feliz não se desprega  
(Meus olhos, não, que amargo pranto os rega)  
Minha alma, sim, e o amor que é meu tormento.*

*Baixel, que vais fugindo despiedado,  
Sem temor dos contrastes da procela,  
Volta ao menos, qual vais tão apressado.*

*Encontre-a eu gentil, mimosa e bela!  
E o pranto qu'ora verto amargurado,  
Possa eu então verter nos lábios dela! (4)*

Este soneto figura em inúmeros florilégios, inclusive nesse, de Laudelino Freire, a que nos referimos, cuja 1.<sup>a</sup> edição é de 1904 e a 2.<sup>a</sup>, sem indicação de data, é talvez de 1915.

2) Cassiano Ricardo. *A Academia e a Poesia Moderna*. S. Paulo, Est. Gráfico «Revista dos Tribunais», 1939, p. 122.

3) Cassiano Ricardo. *Op. cit.*, p. 126.

4) Gonçalves Dias. *Poesias Completas*. S. Paulo, Ed. Saraiva, 1957 (2.<sup>o</sup> ed.), p. 932.

Isso, para não falarmos de outros tantos sonetos gonçalvins menos famosos.

Teria Cassiano Ricardo confundido Gonçalves Dias com Casimiro de Abreu? Isso é pouco provável, mas não impossível. Porque de Casimiro de Abreu, sim, jamais vimos, em parte alguma, um soneto sequer, ou mesmo qualquer referência a soneto que haja composto. Até prova em contrário, podemos afirmar que o bardo de Indaiáçu, fugindo à quase regra geral entre nossos poetas, jamais compôs um soneto, jamais perpetrô a indefectível «flor medieval» de que nos fala o grande poeta de *Martim Cererê*.

E aquê, acima transcrito, encontrado na coletânea de Laudelino? — poderá alguém indagar.

Responderemos que aquê simplesmente não é soneto, como é facilimo demonstrar. Apenas Laudelino (se é que o não copiou de outro antologista), organizando uma coletânea só de sonetos e querendo, ao mesmo tempo, que nela figurassem todos os grandes poetas do Brasil, deparou com o problema de Casimiro, que teria forçosamente de ficar de fora. Não se amofinou o ilustre advogado sergipano, e terminou por descobrir a fórmula salvadora: o poema «*Ontem à Noite*», composto precisamente de duas estrofes, cada uma com sete versos. Eis a forma real do poema:

*Ontem — sòzinhos — eu e tu, sentados,  
Nos contemplamos, quando a noite veio:  
Queixosa e mansa a viração dos praços  
Beijava o rosto e te afagava o seio,  
Que palpitava como — ao longe — o mar,  
E lá no céu êsses rubins pregados  
Brilhavam menos, que teu vivo olhar!*

*Co'a mão nas minhas, no silêncio augusto,  
Tu me falavas sem mentido susto,  
E nunca a virgem que a paixão revela,  
Passou-me em sonhos tão formosa assim!  
Vendo a noite pura, e vendo a ti tão bela,  
Eu disse aos astros — dai o céu a ela!  
Disse a teus olhos; — dai amor pra mim! (5)*

5) Sousa da Silveira. *Obras de Casimiro de Abreu*. Rio de Janeiro, Min. da Educação e Cultura, 1955 (2a. ed. melhorada), p. 240.

Este poema, como demonstra o prof. Sousa da Silveira, é uma «tradução, um tanto livre, de uma poesia de Vitor Hugo», (6) embora não haja indicação alguma a respeito, o que acredita o ilustre pesquisador tratar-se de lapso do poeta ou de seus editores, visto Casimiro detestar o plágio, como deixou claro em carta dirigida a um amigo.

Com a transcrição do poema está explicado por que o «soneto» da antologia de Laudelino não obedece a nenhum dos esquemas rimáticos conhecidos. Apenas o primeiro quarteto e o segundo terceto poderiam pertencer a um soneto regular; ainda assim, convém observar que os sonetos da nossa fase romântica seguiam, com raras exceções, o esquema clássico ABBA ABBA CDC DCD, esquema em que esta vazado o soneto que transcrevemos de Gonçalves Dias.

Ademais, num soneto romântico os períodos se distribuem dentro das estrofes, não sendo permitido, geralmente, que um período se inicie, por exemplo, no último verso do 2.º quarteto, para terminar no 1.º terceto, o que observamos no pretense soneto casimiriano.

Laudelino Freire, porém, não se contentou com haver conseguido forjar um soneto de Casimiro: modificou o poema. (Repetimos que há a possibilidade de o antologista haver copiado o poema de outrem). O verso 12.º foi alterado, pois no original, como vimos, tem 11 sílabas, embora seja todo o poema vazado em decassílabos:

*Vendo a noute pura, e vendo a ti tão bela.*

Trata-se, na contagem pós-castilhiana, de um hendecassílabo de andamento trocaico, que podemos assim escandir:

— U — U — U — U — U — U — (7)

São versos como aqueles famosos de Guerra Junqueiro, no poema «A Moleirinha»:

*Pela estrada plana, toque, toque, toque,  
Guia o jumentinho uma velhinha errante.*

---

5) Sousa da Silveira. *Op. cit. loc. cit.*

7) Na falta de recursos tipográficos, usamos, no lugar das bráquias, o *u* maiúsculo.

Ou ainda aquêles do nosso Vicente de Carvalho, no «Fequenino Morto», um dos menos parnasianos poemas de um poeta dito parnasiano:

*Tange o sino, tange, numa voz de chôro,  
Numa voz de chôro... tão desconsolado...*

Sousa da Silveira compara o verso *vendo a noite pura, e vendo a ti tão bela* a outro verso de Casimiro, do poema «O Lar», também vazado em versos de 10 sílabas:

*Bentevís do campo, sabiás da praia,*

caso em que poderia, além de outras hipóteses, haver o poeta composto um verso com dois de 5 sílabas, repetindo o ritmo da segunda metade do verso anterior:

*Aves dos bosques, brisas das montanhas,  
Bentivís do campo, sabiás da praia.*

Teria ocorrido o mesmo com o poema «Ontem à Noite»:

*Passou-me em sonhos tão formosa assim!  
Vendo a noite pura e vendo a ti tão bela.*

Casimiro teria repetido o andamento da segunda parte do verso anterior, sem atentar para o fato de que, neste outro verso, (o segundo) terminando o primeiro hemistíquio por vocábulo paroxítono, teria o verso uma sílaba a mais, pois o hemistíquio tem 5 sílabas, e não 4, como o primeiro do verso anterior. Essa a razão por que o verso *passou-me em sonhos tão formosa assim* é um decassílabo sáfico perfeito, e o seguinte, *viendo a noite pura e vendo a ti tão bela*, é um hendecassílabo trocaico.

Seria assim, segundo Sousa da Silveira:

*tãc / fcr / mo / sa a / ssim*  
1 2 3 4 5

*ven / do a / noi / te / pu / ra e*  
1 2 3 4 5

*ven / do a / ti / tãc / be / la*  
1 2 3 4 5

Cumpre-nos lembrar que outras interpretações poderiam ser aventadas a respeito dessa irregularidade métrica. Estudando o verso de Gonçalves Dias

*No fronteiro pano da muralha estampa,*

em um poema decassílabo, Manuel Bandeira manda que se incorpore a primeira sílaba deste verso ao verso anterior:

*E a coruja sedenta, a luz dos mortos-no  
Fronteiro pano da muralha estampa. (8)*

Péricles Eugênio da Silva Ramos, por sua vez, nos dá exemplos de sinalefa (o que não caberia no nosso caso) e chama a atenção para o fato de às vezes, à falta de sílaba átona final no 1.<sup>o</sup> verso, haver compensação, «cedendo-lhe o segundo verso a sua sílaba inicial». E exemplifica com o verso

*Infante e velho! — princípio e fim da vida—,*

do poema «Quadras da Minha Vida», de Gonçalves Dias, onde a sílaba inicial In «compensa o final agudo do verso anterior». (9).

*Ambos tão perto do céu!*

A nosso ver, o exemplo cabe perfeitamente para o verso de Casimiro, que é precedido de um verso com final agudo.

Mas é ainda Péricles Eugênio da Silva Ramos que lembra o fato de, às vezes, «negligenciando o mecanismo das sinalefas e compensações, a 1.<sup>a</sup> sílaba do 2.<sup>o</sup> verso, começando por consoante», ser simplesmente cortada, como neste exemplo de Alvares de Azevedo:

*Que um amor insensato consumia  
No deserto lodaçal, em frio leito, (10)*

---

8) Apud M. Cavalcanti Proença. *Ritmo e Poesia*. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1955, p. 32.

9) Péricles Eugênio da Silva Ramos. *O Verso Romântico e Outros Ensaios*. S. Paulo, Comissão de Literatura, Conselho Estadual de Cultura, 1959 p. 11.

10) Péricles Eugênio da Silva Ramos. *Op. cit.*, p. 12

que vem coincidir com o exemplo do verso de Gonçalves Dias, comentado por Manuel Bandeira.

Laudelino Freire, porém, não queria saber de versos irregulares, e talvez até desconhecesse que, por sinalefa, por anacrusa, ou ainda por outras razões, se explicam inúmeros versos «quebrados» ao longo de todo o nosso Romantismo, a começar, como vimos, pelo mais culto e mais perfeito artista do verso nessa fase da poesia brasileira, Gonçalves Dias.

Em plena idade de ouro do Neoparnasianismo, quando ainda o Sr. Goulart de Andrade compunha poemas em que era obrigada a consoante de apoio, e quando se consideravam simplesmente errados os versos que fugissem à regra dos tratados de metrificação, época em que as edições Garnier «corrigiam» os versos julgados defeituosos de Álvares de Azevedo e outros, nessa época, o antologista, pondo os olhos naquele verso com 11 sílabas, verso que quebrava a harmonia do poema, não hesitou em modificá-lo, e o resultado foi este decassílabo heróico, sòzinho, num poema todo êle vazado em decassílabos sáficos

*Vendo a noite tão pura, e a ti tão beia.*

Conclusão: Casimiro de Abreu não deixou sonetos, e aquêle que Laudelino Freire transcreveu em sua coletânea, além de não ser soneto como ficou demonstrado não é, como também foi dito, poema original de Casimiro, e sim tradução de Hugo, daquele poema que termina com estes versos:

*J'ai dit aux astres d'or: Versez le ciel sur elle!  
Et j'ai dit à vos yeux: Versez l'amour sur nous!*